CARTA,

EM QUE UM AMIGO DA'

NOTICIA A OUTRO DO LAMENTAVEL

SUCCESSO

DE

LISBOA

RB 62641

Library
of the
University of Toronto

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/cartaemqueumamig00sous

CARTA,
EM QUE HUM AMIGO DA' noticia a outro do lamentavel ſucceſſo
DE
LISBOA.

MEU amigo, e ſenhor: Voſſa mercê me pede com a mayor inſtancia lhe faça huma fiel relaçaõ do eſtrago, que padeceo Lisboa com o terre-moto, por ſe perſuadir, que eu como teſtimunha delle poderey dar individual noticia do que deſeja ſaber. Seguro a Voſſa mercê, que a cauſa que me propoem, para condeſcender com o ſeu rogo, ſeria a meſma para eu deixar de fazer o que me pede; porque tanto deſtroço mais ſe ſente, que ſe explica; taõ laſtimoſo ſucceſſo he mais incentivo da magoa, que da diſcriçaõ. Como pertende V.m. lhe deſcreva eu huma tragedia, em que era huma das figuras da repreſentaçaõ, ſabendo muito bem, que os que eſtaõ dentro da ſcena naõ lograõ taõ bem o enredo, as viſtas, e as mutações do theatro? Como quer lhe forme hum deſenho igual á ſua imaginaçaõ de ſucceſſo tal, que pelo repentino aſſuſtou, pela duraçaõ affligio, e pelos effeitos matou? Como póde V. m perſuadir-ſe houveſſe animo taõ deſafogado, coraçaõ taõ valente, e eſpirito taõ forte, que na hora mais

infausta da nossa idade, no instante mais arriscado das nossas vidas, no momento, de que esteve quasi pendente para todos a eternidade, se lembrasse pessoa alguma de recõmendar á memoria mais que o susto, em que se vio, o mal que soffreo, e o perigo de que escapou? Ah amigo! que mal considera V. m. o horrendo cathastrofe da pobre Lisboa, e a infeliz confusaõ de quantos nella assistiaõ! O que se ouve apenas se accredita, o que se experimenta naõ padece duvida. As cousas cõmũmente tomaõ-se pelo que soaõ, e naõ pelo que saõ, e a mayor parte do mundo as estima por de fóra: mas como he taõ forte o vinculo da nossa amizade, e V. m. me suppoem com desafogo, para que ao mesmo tempo que luctava com os ameaços da morte, teria cuidado nos restos da lamentavel ruina, que presenciava; passo a escrever-lhe o que vî, experimentey, e de que depois tive noticias exactas, e as mais fidedignas. Protesto a V. m. naõ o fizera, se a obrigaçaõ que lhe devo me naõ estimulára, e naõ tivera ao menos huma moral certeza de naõ passar esta das mãos de V. m. para quem a escrevo; porque o familiar estylo de huma carta, como naõ pede mais elevaçaõ que o sincéro, e puro da verdade que se cõmunica, permitte a rasteira frase de que uso, e como tal naõ he justo se participe ao publico o que ao particular só se dirige.

No primeiro dia do mez de Novembro deste presente anno de 1755 pelas nove horas e meya da manhãa se sentio em Lisboa tremer a terra com taõ violento, e estranho moto, que logo indicou naõ ser puramente tremor, pois no espaço de pouco mais de hum minuto se conheceo ser hum dos mayores terre-motos, que viraõ as idades no nosso continente, porque a terra abalada por differentes figuras, ja se via concussa, elevando-se, e deprimindo-se, ja inclinada para huma, e outra parte, como costuma ver-se hum navio nas ondas, ja rasgada, e aberta em cavernas profundas, e aberturas formidaveis:

acom

acompanhava-ſe eſte horrivel Pherómeno de hum rugido taõ medonho como o de hum eſpantoſo trovãó, e durando o eſpaço de ſete minutos pouco mais ou menos, dentro delle, perdendo os edificios o ponto, e o nivél, padeceraõ total eſtrago os mais principaes, e fortes, ficando arruinados, e inhabitaveis todos os de que Lisboa ſe compunha. Dentro deſte tempo, e ainda depois de paſſar o mayor furor do terre-moto, o mar com indizivel braveza ſahio dos ſeos limites. Naõ tinha da terra nenhuma diſtincçaõ. O impeto das aguas, preſcrevendo o ſeu termo, contra o Ceo ſe conjurava, e violando os preceitos diſſipava as eternas leys. Perturbando os alheyos Reinos quebrantava as tregoas da natureza. Tres vezes veyo á terra com hum fluxo taõ violento, que parecia querer abſorvella nas ſuas entranhas, e com igual refluxo retrocedendo deixava ver o centro, nunca de viſta humana inveſtigado; e fazendo-ſe as aguas de huma côr verde-negra, e ſalitroza, com movimento incerto, e ſobre modo alterado, era horrivel objecto á viſta, accrecentando o terror, e o eſpanto. Eſte o ſucceſſo.

Mas diga-me V.m., que vozes, que expreſſoens ſeráõ baſtantes para explicar a confuſa deſordem, o triſte labyrinto, e o eſpantoſo ſuſto do mais infeliz, e inopinado acontecimento, que vio Portugal nos ſeos Faſtos? Como pódem vivamente deſcrever-ſe as ancias, e afflicçóes, que laſtimoſamente cada individuo ſentia em ſi proprio? Como pódem pintar-ſe os ſuſpiros, e agonias de tantos, que entre as ruinas eſperavaõ dar por inſtantes os ultimos alentos? Como pódem? Eu confeſſo que he quaſi impoſſivel. Eſpectaculo taõ laſtimoſo, objecto taõ infauſto, horror taõ formidavel naõ ſe explica, nem deſcreve, nem ſe pinta, ſó ſe ſente. Como pódem haver termos proprios para exprimir a deshumana impiedade, com que os pays deixavaõ os filhos, eſtes os pays, os irmãos as irmãas, os amigos aos amigos, os maridos as

 mulhe-

mulheres,para ſerem ſepultados vivos debaixo dos edificios, que ſe precipitavaõ, clamando em terniſſimas vozes, que lhes valeſſem, e elles ſurdos a tantos ays reſpondiaõ com a fuga, porque os naõ colheſſe a demóra, e vieſſem a experimentar o meſmo fim? Como pódem propor-ſe de milhares de peſſoas as diverſas fórmas,com que as pintou o repentino ſuſto? Os homens mais pállidos, que os meſmos cadaveres fiando ſua vida dos ſeos pés, vagavaõ loucamente, ſem acertar caminho ao ſeu deſcanço. Palpitavaõ-lhe as arterias, e parecia poderemſe-lhes numerar os alentos da boca na velocidade dos paſſos. Alguns cobrindo com hum pedaço de lençol a deſnudez, ſaltavaõ do leito, buſcando lugar de refugio, para naõ achallo ja mais: qual deſeſperado dos auxilios do proximo, outro alivio naõ achava, mais que entregar-ſe nas mãos do precipicio, abrindo a boca para beber a morte: qual delirante ſem acertar nas acções: qual paſmado ſem determinar reſolver-ſe: qual afflicto ſem ſaber conſolar-ſe: faltava o acordo,faltava a reſoluçaõ, faltava o juizo: tudo faltava. Hum com meyo o corpo enterrado nas ruinas em deſconcertados gritos pedia ſoccorro ao que junto delle paſſava; outro com as pernas, e braços quebrados lamentava a ſua diſgraçada miſeria: outro enterrado vivo clamava do profundo da novamente fabricada ſepultura pelo ſeu deſenterro. Mas,oh dor! de taõ triſtes vozes eraõ inuteis os eccos: ſim ſe ouviaõ, mas confuſamente ſe deſprezavaõ.

Entre taõ lamentavel conflicto a lembrança da Religiaõ pôde excitar a memoria de que havia Deos,e Maria Santiſſima. Sim ſe invocavaõ pedindo lhes miſericordia; mas ay! que aquellas vozes as proferia o coſtume, e naõ a devoçaõ: dictava-as o perigo, e naõ o affecto. A preoccupaçaõ do repentino acaſo impedia o coraçaõ para a ternura: lembrava eſcapar á morte, e era o que mais bem lembrava; com tudo, do modo que cada

hum

hum podia, invocava a Divina Clemencia, e ſe esforçava para repetidos actos de Contriçaõ. Os Sacerdotes, que nas Sagradas funções ſerviaõ os Altares, e podéraõ fugir ao perigo das ruinas eminentes dos Templos, ſe viaõ com as meſmas ſacras veſtes dos ſeos miniſterios abſolvendo a huns, e eſperando ſer abſolvidos de outros. Todos eſpavoridos pediaõ a Deos miſericordia.

No meyo deſte ruidoſo aſſombro varios Miniſtros do Evangelho ſe puzeraõ em campo a ſemear a palavra de Deos, prégando penitencia. Clamavaõ fortemente pela emenda das vidas, para que eſta ſuſpendeſſe o novo golpe da eſpada da Divina Juſtiça, que na repetiçaõ dos terre-motos ameaçava o ultimo eſtrago. Como o ſuſto ja tinha dado algum lugar ao uſo dos ſentidos, naõ eraõ fruſtradas as perſuaſoens, porque todos cuidavaõ de afogar as culpas em copioſas lagrimas, ardentes ſoluços, e internos ſuſpiros. Faziaõ-ſe confiſſoens publicas: perdoavaõ-ſe injurias paſſadas: depunhaõ-ſe odios antigos, e cada hum cuidava de applacar a Deos. Invocava-ſe o efficaciſſimo patrocinio de Maria Santiſſima com a mais fervoroſa ancia. Converteraõ-ſe muitos hereges, pedindo o ſanto Baptiſmo, e deteſtando os antigos erros mereceraõ renaſcer á graça. Entaõ ſe vio hum Povo todo Catholico.

Por eſte modo ſe achavaõ as reliquias de hum taõ numeroſo povo, e por outros muito diverſos, que apenas pódem caber na imaginaçaõ, quanto mais deſcreverſe. Olhavaõ para aquella Cidade, que pouco tempo antes era o theatro mais florente, a República mais luzida, e a Corte mais pomposa: conſideravaõ, que havia poucos inſtantes eraõ felices, viviaõ ſocegados, e eſtavaõ alegres; e mudada em taõ breve eſpaço a ſcena, ſe via a Cidade reduzida a hum monte de pedras, a República deſtruida, e a Corte inteiramente proſtrada; diſgraçados os ditoſos, inquietos os ſocegados, e triſtes os alegres.

Aqui ſe renovavaõ os prantos, multiplicavaõ-ſe os ays, feria-ſe o ar com ſuſpiros; tudo alaridos, tudo vozes, deſordens tudo.

Renovava-ſe a contriſtaçaõ, e perturbaçaõ dos animos com o repetido dos tremores, porque parecia, que naõ ſatisfeita a Juſtiça Divina queria repetir novo deſtroço, e acabar de huma vez de tirar reſidencia de tantas culpas: entaõ proſtrados todos novamente por terra clamavaõ com internecidas vozes miſericordia ao Ceo. Proteſtavaõ-ſe publicas emendas, repetiaõ-ſe contriçoens, cada hum eſperava o ſeu ultimo fim. Ah amigo! que magoas! que ſuſtos! que agonias! conjurados os elementos contra o mundo, ninguem ſabia aonde ſe refugiaſſe; para qualquer parte era viſivel o precipicio; ſó lembrava no meyo de tanta afflicçaõ fugir para os campos. Quem diſſera que eſte ſeria o mais proporcionado aſilo em perigo taõ evidente? Alli os filhos procuravaõ os pays, as mulheres os maridos; mas ſó ſe achavaõ viuvas eſtas, orfãos aquelles. Tudo era incentivo para novos clamores, novas penas, e repetidas agonias; ó grande Deos! e que magoas taõ poderoſas para partir os coraçoens! Em taõ avultado cumulo de penas foy Altiſſima providencia ficar peſſoa viva.

Todos os que reſtáraõ das laſtimoſas ruinas da Cidade paſſáraõ a viver nos ſuburbios, e logradouros della em cabanas, que fabricáraõ, para reparar-ſe do Inverno, que principiava rigoroſiſſimo com repetidas chuvas, e frios; onde cada inſtante ſe renovavaõ os ſentimentos, clamores, e gritarias com as ſucceſſivas noticias, que cada hum recebia das infelicidades, que os ſeos parentes, caſas, e amigos tinhaõ padecido pelo terremoto. Ora julgue V.m. a perturbaçaõ, e labyrintho, que haveria por todos aquelles campos! Laſtima na verdade a mais ſenſivel!

Os Templos, e Palacios, quepadeceraõ neſta in-

faufta calamidade foraõ muitos; mas porque tenho obrigaçaõ de dizer a V.m. o que fey nefta parte, direy os de mayor confideraçaõ, naõ fem muita pena.

A Santa Igreja Patriarchal com todo o feu Thefouro quafi inextimavel ficou fepultada nas fuas proprias ruinas, matando eftas algumas peffoas, que fe achavaõ affiftindo aos Divinos Officios, e que com o tropel, e confufáõ fe demoráraõ mais em fahir. A Bafilica de Santa Maria experimentou a mefma ruina, partindo-fe as tres naves de que fe compunha a fua magnifica fabrica, cahindo huma das grandes torres, pórtico, e o zimborio, tudo de obra antiquiffima, de que apenas póde haver memoria, precipitando-fe taõ violentamente, que parecia fubverter-fe a terra com o efpantofo bramído da queda, que ajudáraõ a fazer medonho os terriveis eftrépitos de feis grandes finos, que com a torre fe defpedaçáraõ. Morrèraõ neftas ruinas muitas peffoas de hum, e outro fexo, e entre ellas alguns Conegos, que eftavaõ exercendo as funçoens fagradas, ficando tambem fepultado o feu riquiffimo Thefouro. No magnifico, e fumptuofo Templo de S. Vicente de Fóra dos Conegos Regulares de Santo Agoftinho cahio o admiravel zimborio com hum ruido inconfideravel, fem mais perigo, que a morte de hum moço fidalgo; o que na verdade caufa maravilha, pois fendo a hora em que fe celebravaõ os Officios Divinos, a que affiftia hum grande numero de peffoas, eftando os Religiofos no Coro da Capella mór, naõ confta padeceffem mais, que o horrivel fufto do eftróndo daquella grande maquina feita em pedaços no meyo do Cruzeiro do Templo. Ficou efte, e o Mofteiro com baftantes, e perigofas aberturas nas paredes de modo, que obrigou aos Religiofos a viverem na fua Cerca em barracas, que fizeraõ fabricar para feu commodo. O grande Templo do Convento do Carmo experimentou huma total deftruiçaõ, porque af-

ſim que o prompto affecto dos Religioſos teve lugar para livrar a Sagrada Imagem da ſua immaculada Mãy, e Senhora, da ruina, que ameaçava o Templo, quando eſte veyo todo abaixo, enterrando mais de quatrocentas peſſoas, que a elle haviaõ concorrido ao Jubileo de taõ feſtivo dia, ficando tambem todo o Convento quaſi demolido, e em que houve mortes de alguns Religioſos. O meſmo ſuccedeo ao formoſo Templo do Convento dos Religioſos da Trindade, que cahindo no meſmo tempo matou mais de outras quatrocentas peſſoas, e arruinando-ſe parte do Convento pereceraõ alguns Religioſos. O excellente Templo de S. Domingos principiando a ameaçar ruina deo lugar a que a gente, que nelle ſe achava, vieſſe fugindo para a rua, mas com tanta diſgraça, que cahindo parte da Igreja com a grande faxada matou mais de trezentas peſſoas, ficando muitas perigoſamente feridas, outras com braços, e pernas quebradas, tendo melhor livramento as que fugiraõ para a Capella mór, e para dentro do Convento, que tambem ſoffreo huma indiſivel ruina, e morrèraõ quatro Religioſos, ficando alguns feridos. O precioſiſſimo Templo do Collegio de S. Antaõ dos Padres Jeſuitas padeceo grande eſtrago, cahindo o zimborio, partindo-ſe as paredes em grandes fendas, e as abobedas, padecendo todo o mais corpo daquella nobiliſſima architectura, de q̃ cahindo varias pedras matáraõ baſtantes peſſoas, e maltratáraõ outras, tendo o Collegio tambem baſtantes ruinas, em q̃ morreraõ quatro Padres. O Templo do Convẽto da Graça, em q̃ ſe conſervava a devotiſſima Imagem do Senhor dos Paſſos, padeceo total deſtruiçaõ, ficando a meſma prodigioſa Imagem, oh dor! debaixo das meſmas ruinas, e o Convento tambem teve grande deſtruiçaõ, morrendo mais de cem peſſoas. O Tẽplo da Senhora de Penha de França cahio totalmẽte em terra, e matou mais de 200 peſſoas, ficando o Convento, (q̃, como o immediato, he dos Religioſos Agoſtinhos calçados (

çados) proſtrados quaſi por terra. O Convento da Boa-hora com o ſeuTemplo ficou totalmente arruinado, matando mais de duzentas peſſoas, e deixou feridos alguns Religioſos, e hum morto. O Convento, e Templo dos Congregados de S. Filippe Neri ſeguio o meſmo deſtino, e matou mais de outras duzentas peſſoas. O Convento, e Templo de Santo Eloy dos Conegos Seculares de S.Joaõ Evangeliſta tambem foy deſtruido com morte de cento e tantas peſſoas, e de ſete Religioſos, e outros gravemente feridos. O Convento, e Templo de S.Franciſco da Cidade da Regular Obſervancia; cuja nova obra era de ſingular perfeição, teve o meſmo ſucceſſo, com morte de mais de 300 peſſoas, de varios Religioſos, e de muitos feridos cõ perigo. O Convento de *Corpus Chriſti* de Religioſos Carmelitas deſcalços ſeguio o meſmo deſtroço, com morte de varias peſſoas. O Convento dos Capuchos do Curral ſe arruinou em muita parte, e a ſua Igreja, ficando varias peſſoas feridas. O Convento dos Dominicos do Corpo Santo com o ſeuTemplo ſoffreo o meſmo eſtrago, com alguns mortos.

O Convento das Religioſas de S.Clara com o ſeu grãde Templo ſe arrazou com morte de cento e tãtas peſſoas Seculares, e cento e nove Religioſas, e mais de quarenta Seculares, e criadas. O Convẽto de S.Monica de Religioſas Agoſtinhas padeceo graviſſima ruina com o ſeu Tẽplo. Os Conventos do Salvador, e Roſa de Religioſas Dominicas tiveraõ a meſma infelicidade, com morte de varias peſſoas Seculares, e no do Salvador com a de treze Religioſas. O Convento de Santa Anna de Religioſas Franciſcanas Obſervantes teve o meſmo rigoroſo eſtrago, com morte de dezaſeis Religioſas, e algũas Seculares, e criadas. O Convento de S.Martha das meſmas Religioſas reformadas ſe arruinou todo. O da Annunciada de Religioſas Dominicas Obſervantes correo a meſma tormenta. Nos ſuburbios tiveraõ baſtantes ruinas o Convento, e Templo da Madre de Deos de Religioſas recoletas

letás, o de Chellas, o de Santa Appollonia, o das Trinas do Mocambo, o de Santo Alberto, e do Sacramento, o das Francezinhas, e o da Efperança.

Das Parochias padecêraõ total perigo as de S.Julião, Conceiçaõ da rua Nova, Collegiada da Conceiçaõ velha de Freires da Ordem de Chrifto, de S.Nicoláo, de N.Senhora da Victoria, de N.Senhora dos Martyres, da Incarnaçaõ, do Loreto, do Sacramento, do Soccorro, de Santa Jufta, de S.Joaõ da Praça, de S.Pedro, de S.Miguel, de S. Jorge, de S. Martinho, de Santiago, de S. Thomé, de Santo André, de S.Bartholomeu, de Santa Marinha, de Santo Eftevaõ, das Chagas, de S.Catharina, e outras muitas Freguezias, e Ermidas, com mortes de mais de cinco mil peffoas. A magnifica Igreja da Mifericordia, com o Real Recolhimento, teve quafi a ultima deftruiçaõ, com morte de algumas Recolhidas, e de outras peffoas, e muitas feridas.

Os palacios, que paffáraõ o mefmo eftrago, foraõ o Real, com a foberbiffima obra da cafa da Opera, o grande Terreaõ da cafa da India, e o fumptuofiffimo quarto novo; que era fabrica do Senhor Rey D.Joaõ V. ficando fepultados debaixo das ruinas os Tribunaes do Defembargo do Paço, Confelho da Fazenda, Mefa da Confciencia, Confelho Ultramarino, com as tres Secretarias de Eftado, Junta dos Tres Eftados, Contadoria geral de Guerra, e Cafa da India. Os Paços da Relaçaõ, com as duas cadeas do Limoeiro tiveraõ miferavel ruina. O Palacio da fanta Inquifiçaõ, o do Duque do Cadaval, o do Duque de Alafoens, o do Duque de Aveiro, o do Marquez de Valença, o do Marquez de Marialva, o do Marquez de Niza, o do Marquez do Louriçal, o do Marquez de Tancos, o do Marquez de Angeja, o do Conde da Ribeira, o do Conde de Cocolim, o do Conde do Lumiares, e outros muitos particulares de muitos Fidalgos, e Senhores, tiveraõ o mefmo deftroço. Igual paffáraõ a

gran-

grande casa de Alfandega, a nobilissima casa dos Contos do Reino. A Vedoria geral de Guerra, e as Sete casas. As propriedades ordinarias, que totalmente ficáraõ destruidas com o terre-moto, julga-se passariaõ de cento e cincoenta mil, de que se compunhaõ os Bairros de Alfama, Limoeiro, Ribeira, Rua Nova, Rocio, até parte do Bairro alto, ficando inhabitaveis todas as mais de que Lisboa se compunha. As pessoas, que nesta miseravel desolaçaõ acabáraõ as vidas (pelo mais prudencial computo) seriaõ setenta mil, pouco mais ou menos.

Passada a hora do infeliz successo, desamparando as gentes, que restáraõ, a Cidade, se ateou improvisamente das proprias ruinas hum horrivel fogo, que as queimou todas, e com ellas se acabáraõ de aniquilar todos os Templos, Mosteiros, Palacios, Secretarias, Cartorios, ouro, prata, tapeçarias, e quanto havia de consideraçaõ, ou acabou no terre-moto, ou pereceo no incendio, que durou seis dias, sem haver quem o atalhasse, deixando tudo incapaz de reparo, ficando em tanta infelicidade conhecida a grandeza de Lisboa pelas ruinas.

Livráraõ do ultimo perigo a Torre do Tombo, e a Casa da Moeda. Algumas Igrejas, e Mosteiros escapáraõ tambem, como a de S.Christovaõ, a dos Anjos, a de S.Sebastiaõ da Pedreira, o Regio Convento de S.Bento, o dos Paulistas, o de Jesus, o dos Barbadinhos Francezes, o dos mesmos Alemães, e o das Cõmendadeiras de Santos, e dos Remedios de Religiosos Carmelitas Descalços, e outros mais dos suburbios; mas todos com bastantes ruinas. Ficou illeso o Convento das Religiosas Agostinhas Descalças, chamadas vulgarmente as Grillas.

A tantos males, perdas, e desordens se principiáraõ a dar providencias, e administrar disposições sabias, e pias, mas nenhũas podiaõ supprir; e sem projecto mayor seráõ difficultosos os reparos, por se achar tudo reduzido a cinzas.

A grande confusaõ, e fuga das gentes da Cidade deo lugar a que os ladrões aproveitassem a conjunctura, e fizessem grandes furtos, muitos delles sacrilegos, roubando casas, e Templos; porém como a grande vigilancia, e ordens, que apressadamente se deraõ para evadir tantos insultos foraõ muitas, e promptas, se prendeo a mayor parte destes insolentes temerarios; e fazendo-se armar sete forcas de novo, se tem dado o castigo da ultima pena a varios delinquentes, e condemnado outros a trabalhar no desentulho da Cidade, tendo assim cessado os roubos em muita parte. Com o mesmo desvélo se tem cuidado em fazer conduzir viveres de todo o Reino, e dos visinhos para a subsistencia das gentes, porque naõ pereçaõ de fóme; e com effeito tem havido summa abundancia, mandando-se q̃ as cousas naõ subaõ a mayor preço, que tinhaõ antes do formidavel destroço da Cidade, e que o cómercio naõ cesse, sendo livres de tributos as fazendas. No desentulho da Cidade se trabalha com a mayor ancia, para o q̃ se tem feito transportar numerosas levas de todo o Reino, principalmente fazendo retroceder todos os Galegos, e gentes de servir, q̃ tinhaõ desamparado a Cidade; gente ambiciosa, e sem caridade algũa.

Se com o que tenho dito naõ julga V.m. satisfeita a sua bem intencionada curiosidade, crea, que eu naõ encontro modo, com que lhe explique a mais lamentavel miseria destes seculos, pois tanta infelicidade, como ja lhe disse, naõ póde contar-se com aquella exacçaõ, que V.m. pertenderia, e que devia ser, porque com facilidade naõ se comprehende.

Naõ he esta, meu amigo, a primeira vez, que a infeliz Lisboa experimenta este terrivel cathastrofe, supposto que nenhum taõ violento; parece que o ser sempre habitaçaõ dos mais indignos insultos foy causa de provocar em quasi todos os seculos a justissima vingança do Altissimo; porque no anno de 1356 a 24 de Agosto tremeo

meo a terra com taõ violento impulſo por quaſi hum quarto de hora, que abrio de alto abaixo a Capella mór da Sé de Lisboa, tocáraõ os ſinos por ſi, cahiraõ muitos edificios, e durou o tremor quaſi hum anno, ainda que com intervallos, e mais quieto.

No anno de 1531 a 7 de Janeiro, ſentindo-ſe em Portugal horriveis movimentos, e abalos da terra, obrigáraõ a ſahir os moradores das Cidades, e Villas do Reino para os campos, por temerem as ruinas dos edificios, perecendo grande numero de peſſoas: foy mayor a impreſſaõ dos abalos em Lisboa, e ſeus contornos, onde ſe ſubvertèraõ povoações inteiras. No dito anno a 26 do meſmo mez teve Lisboa hum taõ horrivel terre-moto, que ſe fez ſentir por eſpaço de mais de ſeſſenta legoas, aſſolou Lugares inteiros em circuito, e na Cidade poz por terra mil e quinhentas caſas, fazendo-as ſepulturas dos meſmos que nellas viviaõ. Arruináraõ-ſe muitos templos, ſubmergiraõ-ſe no mar muitos navios, durou alguns dias, e a mayor parte dos moradores ſe retirou ao campo. Os Reys tambem ſe retiráraõ, temendo todos que a Cidade ſe ſubvertia.

No anno de 1551 a 28 de Janeiro teve Lisboa hum grande terre-moto, em que ſe arruináraõ duzentas caſas, morrendo nas ruinas mais de duas mil peſſoas, precedendo o ter-ſe viſto o ar inflammado com horroroſo fogo, perſuadindo-ſe alguns que chovia ſangue.

No anno de 1575 a 7 de Junho tremeo a terra em Lisboa com taõ furioſo impulſo, que ſe abaláraõ todas as caſas, e cauſou hum temor, e aſſombro inexplicavel.

No anno de 1598 em 27 de Julho tremeo a terra em Lisboa com abalo, e cómoçaõ taõ forte, que muitas peſſoas cahiraõ por terra, ſaltavaõ para o ar os moveis das caſas, e com o mayor ſuſto fugiraõ os moradores para as ruas, receando as ruinas da Cidade. Repetio mais duas vezes, e em cada hũa com a meſma violencia.

No anno de 1699 a 27 de Outubro ſe ſentiraõ neſte Reino, eſpecialmente em Lisboa, huns terriveis tremores de terra, que duráraõ pelo reſtante do dito mez, e grande parte do de Novembro ſeguinte, com tanta frequencia, que andavaõ todos paſmados, e cheyos de medo, deſamparavaõ as caſas, e com fervoroſas ſupplicas, e penitencias ſe recolhiaõ ás Igrejas, pedindo a Deos ſuſpendeſſe aquelle temeroſo caſtigo; e foy ſervida a ſũma Bondade do Senhor, que naõ paſſaſſe a mais aquella funeſta demonſtraçaõ da ſua ira.

No preſente ſeculo de 700 no anno de 24 ſe ſentio em Lisboa, e ás meſmas horas em todo o Reino, hum grande tremor de terra, que aſſuſtou, e encheo de medo a todos. Todo eſte padecimento tem ſoffrido a miſeravel Lisboa, e taõ continuado, que ſó no ſeculo de 500 foy combatida de cinco terre-motos, executando nella terriveis eſtragos, e laſtimoſas infelicidades, ſendo entre ellas a mayor o grande contagio, que no meſmo ſeculo, no anno de 1569 padeceo eſta capital de Portugal, e ſuppoſto ſe dilatou por todas as Provincias, ſempre Lisboa teve o mayor eſtrago; porque morriaõ cada dia quinhentas, ſeiſcentas, ſetecentas peſſoas, e no fim ſe achou paſſarem de cincoenta mil no eſpaço de quatro para cinco mezes de duraçaõ, porque principiou a ſete de Junho, e acabou no fim de Outubro. Creceraõ as ervas pelas ruas. Naõ cabiaõ os mortos nas Igrejas. Faziaõ-ſe covas pelos campos, em que ſe enterravaõ a cincoenta, e a mais. Faltava a gente para ſepultar os q̃ morriaõ, e por eſta cauſa eſtavaõ dous, e tres dias ás portas ſem ſe lhes dar ſepultura. De hum inſtante para outro cahiaõ mortos os que eſtavaõ em pé, e amanheciaõ ſem vida os que ſe deitavaõ ſãos. Andavaõ os homens attonitos, e quaſi defuntos, tropeſſando a cada paſſo com imagens da morte, e com ella meſma. Começaraõ a faltar os mantimentos por naõ haver cõmunicaçaõ com as terras circumvizinhas, e era objecto laſtimoſo

ver

ver os homens, e mulheres, velhos, e meninos, desfazendo-se em lagrimas, e perecendo á fome. Foy Deos servido que cessasse este horrivel açoute no fim de Outubro do mesmo anno.

Estas successivas consternações representadas taõ repetidas vezes naquelle misero theatro, despertaõ a memoria de outras iguaes, que as sagradas letras nos propoem nas repetidas desolações de Jerusalem. Quem bem considerar aquella capital da Judea, Cidade a mais populosa, invejada do mundo, adorada de todas as nações, elegida por Deos para seu descanço, adornada de hum magnifico Templo, para cuja sumptuosidade concorreo o mais precioso de todo o Oriente, aonde o mesmo Deos, em final de que lhe eraõ gratos os sacrificios, fazia descer o fogo do Ceo, e consumir as victimas; tantas vezes abençoada da sua omnipotente maõ, cujo povo favorecia, e honrava com o epitetho de seu, restaurando-o de diversos cativeiros, e ultimamente santificando-a com a sua propria presença, por tantos modos destruida, e assolada, ficando a que era Princeza das Provincias, feita tributaria: a que fora cheya de povo, totalmente desamparada, o seu Templo arruinado, os seus Sacerdotes afflictos, as suas portas destruidas, e toda ella opprimida, e desconsolada: persuado-me, que verá em Lisboa hũa imagem de tanta destruiçaõ, e desamparo. Pois se bem reparar para aquella capital do Occidente, Cidade cheya de innumeravel povo, respeitada por tantos modos de todo o mundo, conhecida das nações mais barbaras, elegida para cabeça de hum Imperio estabelecido por Deos, aonde em muitos sumptuosos, e magnificos Templos admiravelmente adornados, com tantas riquezas do Oriente, todos os dias lhe repetiaõ milhares de sacrificios, oblações, e cultos; verá inhabitada a Cidade, ultrajado o seu respeito com tantos roubos, infamias, e sacrilegios, reduzida a cinzas, naõ lhe ficando

do quasi pedra sobre pedra. Os Templos destruidos, diminuido o culto, sem oblaçaõ os altares, os Sacerdotes gemendo, as sagradas virgens afflictas, destruidos os edificios, e toda cheya da oppressaõ mais lastimosa. Ah que inescrutaveis saõ os juizos do Altissimo! Ah como temo que os peccados de Lisboa fossem iguaes aos de Jerusalem! Tanta similhança quasi nos dá huns moraes indicios. Procurava o Senhor em Jerusalem hum Justo para se compadecer delle, mandava ver, considerar, e procurar pelas ruas se se encontrava hum homem, q̃ fizesse justiça, e tivesse fé: mas, oh infelicidade! nem Deos achava hũ homem destes. Todos encontrava preversos, todos inclinados ao mal, todos peccadores, Todos tinhaõ negado a Deos, diziaõ que o naõ havia. Só se estudava a malicia, só se procurava o dolo. Nenhum temia o mal, a espada, e a fome. Naõ tinhaõ dado credito aos Profétas: naõ havia peccado, que deixasse de cõmetter-se.

Porém, que mágoa! a tanta desventura que podia seguir-se, senaõ ser arruinada a Cidade, ser entregue ao fogo, e ficar deserta, e inhabitavel? Naõ lhe valèraõ os sacrificios, porque naõ eraõ aceitos: naõ a defendèraõ as victimas, porque desagradavaõ. Arruinou-se o Templo, fugiraõ os Sacerdotes, destruio-se a Cidade. O fogo, que em outro tempo servia para consumir as victimas, em final de que eraõ agradaveis, servio entaõ de rigoroso castigo, em final de que eraõ aborrecidas. Ja da Cidade se naõ conheciaõ os limites, ja se desconheciaõ as ruas, ja se ignoravaõ as casas. Procurava-se a paz, mas naõ havia paz, pedia-se o socego, para o descanço ja naõ havia lugar.

Agora ajuste V.m. a similhança; e como assistio em Lisboa tantos annos, considere se se compadece aquelle destroço com esta ruina, aquelles delictos com este castigo, e aquelle desamparo com esta afflicçaõ. Ja tinha chegado a abominaçaõ ao lugar santo: naõ havia lembran-

ça de tremer da palavra de Deos,abrazava-se da sua misericordia. Naõ se dava credito aos Prégadores, cada hum seguia a sugestaõ da sua vontade. Como estas eraõ as causas, prudente, e catholicamente deviamos esperar estes effeitos. Chegáraõ com effeito. Mas,ay amigo! aonde está a emenda? Como todos somos Catholicos, procuremos isto huns aos outros.

Comprehendeo esta infausta calamidade todo este Reino,fazendo mais impressaõ em humas,que em outras partes. Do Algarve ha certas noticias, que se arrazáraõ inteiramente as Cidades de Faro, Lagos, e Silves, com os seos Templos, Conventos,e edificios, morrendo nas ruinas grande multidaõ de pessoas, e sahindo o mar furiosamente dos seos limites acabou de destruir as ruinas,e affogou muitas pessoas.Tavíra padeceo grande destruiçaõ. Muitas Villas daquelle Reino ficáraõ quasi assoladas. Como as primissas todas eraõ humas foraõ as consequencias as mesmas.

Na Provincia de Alemtejo tiveraõ ruinas menos consideraveis as Cidades de Evora, Beja, Elvas, e Portalegre.Padeceo mayor infelicidade Villa-Viçosa,na qual cahindo huma Ermida de N. Senhora da Conceiçaõ matou trinta e tantas pessoas,e ficáraõ arruinados bastantes edificios.A Villa de Moura tambem experimentou a mesma tormenta: cahio o Convento do Castello de Religiosas Dominicas, em que morrèraõ algumas, e fazendo-se varias aberturas em muitas paredes dos mais principaes edificios se viraõ os moradores obrigados a desamparar a Villa. Em Alcacer do Sal se experimentou gravissimo damno: cahio o Convento de Ara-Cœli de Religiosas Franciscanas, ficando das ruinas algumas mal feridas.

Na Provincia da Extremadura passou pela mayor disgraça a notavel Villa de Setubal, porque quasi todos os Templos, e Conventos de Religiosos, e Religiosas padeceraõ total ruina. Ficáraõ por terra quasi todos os edifi-

edificios,em cujas ruinas morreraõ mais de duas mil pessoas. Veyo o mar com a mayor violencia á terra, e entrando pela Villa destruhio as antigas, e grossas muralhas, que a guardavaõ: assolou muitas propriedades, absorveo muitas pessoas, que descuidadas de similhante successo, as colheraõ repentinamente as aguas movidas com tanto impulso, q̃ trouxeraõ a distancia de quinhentos passos dous grãdes hiates, e varias outras embarcaçoens; subindo a alteraçaõ das aguas a mais de vinte e cinco covados de altura: assõbro na verdade o mais formidavel

As Villas da vizinhança da marinha, como Almada, Cacilhas, Seixal, Coina, Barreiro, Alhos vedros, Lavradrio, e outras muitas Villas, e Lugares padeceraõ igual infortunio, morrendo em todas ellas muitas pessoas, assim debaixo dos edificios, como affogadas no mar, que por ellas entrou com repentina furia. Na Villa de Sintra morreraõ mais de cento e vinte pessoas, e se arruinaraõ o Paço Real, e muitos edificios. Nas Villas do Riba-Tejo foy igual a infelicidade, principalmente na Alverca, Alhandra, Villa-Franca, e Povos, morrendo debaixo das ruinas algumas pessoas. Ficaraõ inhabitaveis todas as casas, e seus moradores obrigados a hir viver nos campos. A Villa da Castanheira teve a mesma derrota: cahiraõ quasi todos os edificios, e morreraõ algumas pessoas: arruinou-se o Convento das Religiosas Franciscanas, e morreraõ onze. Na Villa de Santarem se arruinaraõ todos os magnificos Templos, Conventos, Palacios, e mais edificios que nella havia, só ficou entre estes illesa a Igreja de N. Senhora da Piedade dos Religiosos Agostinhos Descalços, padecendo ruina o seu Convento. Na Ribeira se arruinaraõ quasi todas as casas com morte de muitas pessoas.

Nesta Cidade de Coimbra onde se sentio violentamente este terrivel Terre-moto, e á mesma hora, q̃ em todo o Reino, parece devemos crer piamẽte, que a maõ

po-

poderosissima de Deos Senhor nosso a livrou de experimentar os lastimosos estragos, e infelices destroços, porque passarão assim Lisboa, como tantas Villas notaveis; pois no tempo que durou o flagello cahio parte da abobeda da Igreja dos Religiosos Dominicos, dando lugar a sahir para fóra muita gente, q̃ nella se achava, sem q̃ pessoa algũa tivesse nem hũa leve ferida. Ficárão as paredes da Igreja com bastantes aberturas, e o Convento com hũas não perigosas ruinas: este foy o destroço mais consideravel dos edificios. Da faxada da Igreja do Real Mosteiro de Santa Cruz cahirão á mesma hora algũas pedras entre varias pessoas, sem que nenhũa recebesse dãno. O mesmo succedeo cahindo outras do nobre frontespicio da Igreja da Companhia, sem fazerem dãno a pessoa algũa. Teve algũas ruinas a Igreja do Collegio dos Mõges de S. Jeronymo. O nobilissimo Collegio de Sapiencia tambem experimentou algũa ruina, porque cahindo a grãde bola de hũa das elevadas piramides sobre a abobeda, a rompeo com outras duas inferiores; e he muito de admirar, que cahindo hum tão grande pezo no meyo de algũs Religiosos, que estavão juntos em concurso literario, não receberão mais dãno que o grande susto. A sala da insigne Universidade, e florentissima Athenas deste Reino, que pela sua arquitectura, e extraordinaria grandeza consta ser hũa das mais formosas, e bem proporcionadas da Europa, experimentou hũas não perigosas aberturas, que tambem tiverão os Geraes de Theologia, Leys, e Medicina, ficando a soberbissima casa da maravilhosa livraria, e a grande torre totalmente illezas: a Capella, e Palacio dos Prelados, e o mais corpo daquella admiravel fabrica tiverão levissimas aberturas. O Real, e Pontificio Collegio de S. Pedro experimentou algum dãno: mayor teve o Real Collegio de S. Paulo, por causa de estar ha muitos tempos com bastante ruina. Algũs outros Collegios, e casas de pessoas particulares tiverão leves ruinas, e de facil remedio.

Mas

Mas como lhe parece a V.m. que teráõ agradecido os moradores deCoimbra a Deos efte fingular beneficio da fua Providencia? Que demonftrações de arrependidos, e de Catholicos fe perfuade que teráõ feito para fufpender o braço armado da Divina Juftiça? Quafi na verdade fe faz incrivel a penitencia em que fe tem exercitado todo efte devoto, e afflicto povo. Naõ lhe foy precifo mais Jonas, que o vifivel caftigo naõ executado: naõ neceffitou que fe lhe diffeffe o termo perfixo da deftruiçaõ,ou fubverfaõ da Cidade dentro de quarenta dias para logo fe veftir de facco,e de cilicio entre a abftinencia, o jejum, e a mortificaçaõ: clamou a Deos mifericordia, naõ fó com a voz pronunciada pelos lábios,que depreffa fe defvanece, mas com vozes proferidas pelo coraçaõ, que chegaõ ao Ceo. Entrou fervorofamente a dirigir os feos cordiaes affectos a Deos,tantas vezes offendido, e com obras fantas entrou a defagravallo. Principiando pelo Santo Sacramento da Penitencia,eraõ poucos os Miniftros da Igreja para ouvir as innumeraveis peffoas, que concorriaõ a lavar-fe das immundicias das culpas no foberano manancial da graça. Experimentaraõ-fe evidentiffimas emendas, e voltando-fe de todo o coraçaõ a Deos cada hum lhe pedia perdaõ com a mayor efficacia, parece que era de todos huma mefma a voz.

Principiaraõ-fe devotiffimas preces na Igreja do Real Mofteiro de S.Cruz na prefeça doSantiffimo Sacramento expofto todos os dias, e noites á adoraçaõ dos fieis; alli aquella religiofa,e fanta Reforma dosConegos Regulares de Santo Agoftinho,dando o mais purificado exemplo em continuos efpirituaes exercicios, penitencias, orações, e facrificios roga a Deos livre de tanta tribulaçaõ ao feu povo: alli anima os fieis para que naõ fe entibiem nas fuas fervorofas deprecaçoens, e bons intentos: alli os inftrue para fazerem confiffoens bem feitas; alli tomaõ exemplo para faberem fazer penitencia,

e pe-

e pedir misericordia a Deos. Naquelle lugar acha o afflicto consolaçaõ, o pusilanime esforço, e o peccador remedio. Naquelle lugar encontra o pobre a mais ardente caridade, o necessitado o prompto soccorro, e o desamparado o mais ditoso asilo. Oh mil vezes bemaventurada Reforma, aonde em todos os seos filhos he a vontade huma mesma, igual á fraternal caridade, e similhante o desejo do aproveitamento das almas.

O Reverendo Cabido da Cathedral desta Cidade tambem com devota, e pia sinceridade entrou a fazer fervorosas preces a Deos Senhor Nosso para conseguir a sua Divina Clemencia, com o Santissimo Sacramento exposto, as quaes continuou por espaço de trinta dias com grande edificaçaõ de toda esta Cidade. No Collegio da Companhia se fizeraõ as mesmas rogativas com a mais profunda devoçaõ, e continuáraõ os Exercicios do seu Patriarcha Santo Ignacio para todo o povo, determinando os dias, em que cada hum dos sexos distinctamente havia hir ter os ditos Exercicios. No Collegio de S. Boaventura fizeraõ os Religiosos Franciscanos a Novena da Immaculada Conceiçaõ de Maria Santissima com sincéra religiosa devoçaõ, e no ultimo dia se completou com huma preciosissima festa, e excellente procissaõ, para deste modo rogarem á Mãy de misericordia a pedisse para nós a seu Filho Santissimo. Em todas as mais Igrejas se fizeraõ preces por muitos dias, e festas a muitos Santos para por todos os modos, e por sua intercessaõ se alcançar o perdaõ dos nossos delictos.

As procissoens de penitencia que se tem feito, saõ muitas, e piissimas. O Illustrissimo, e Reverendissimo Reitor da Universidade, cheyo do mais abrazado zelo, e ardente piedade, congregando todo o corpo della, ordenou hũa procissaõ com as milagrosas reliquias dos Santos Martyres de Marrocos, e com a do Sagrado Lenho da Cruz, que sahindo da Capella da Universidade foy visitar

ſitar o Corpo da noſſa Rainha Santa Iſabel ao Moſteiro das Religioſas de Santa Clara, onde ſe guarda eſte ineſtimavel theſouro. Acompanhava o devotiſſimo Prelado a prociſſaõ deſcalço com huma corda ao peſcoço, ſem pompa alguma, que ſerviſſe de diſtinctivo á ſua illuſtriſſima peſſoa,ou á ſua Prelazia.Os Lentes das cadeiras grandes, Condutarios, e Oppoſitores ſeguiaõ penitentes o meſmo devoto exemplar, a que imitavaõ os Eſtudantes das eſcolas mayores,e menores. Todas as Communidades dos Collegios Religioſos, e Seculares com igual imitaçaõ ſeguiaõ os meſmos paſſos. O povo era innumeravel, e com diverſidade de penitencias, fazia eſte acto cheyo de ternura, e de compuncçaõ. Na grande diſtancia que occupava a prociſſaõ ſe viaõ muitos Padres da Companhia prégando penitencia ao povo com ardentiſſimo zelo, entranhavel affecto, e caridade, tendo eſta Sagrada Religiaõ trabalhado o negocio da ſalvaçaõ das almas com incançavel fadiga; ſendo nos actos de devoçaõ, e piedade ſempre os primeiros, e os mais exemplares. Aſſim continuou eſta devota commitiva, e ſe recolheo na Igreja do Real Moſteiro de Santa Cruz, onde houve Miſſaõ.

O Reverendo Cabido tambem ordenou outra devotiſſima prociſſaõ com a milagroſa Imagem de Santo Thomaz de Villa-Nova, e com a de Saõ Sebaſtiaõ, e a Sagrada Reliquia do Santo Lenho, e foy viſitar o Corpo da meſma Santa Rainha, ſahindo deſcalços, aſſim o dito Reverendo Cabido, como os mais Conegos, meyos Prebendados,e Capellaens,com muitas Cómunidades, e innumeravel povo, que com grandes penitencias ſeguio eſte religioſo acto, e tornou a recolher-ſe na meſma Sé.

Outras mais prociſſoens todas penitentes, e exemplares fez o dito Reverendo Cabido, acompanhadas ao meſmo tempo da mayor decencia, e gravidade. Varias Religioens, e muitas Irmandades particulares ordenáraõ

con-

continuadas Prociſſoens,em que expuzeraõ á veneraçaõ dos Fieis muitas Reliquias,e Imagens,para por interceſſaõ de todas obtermos de Deos miſericordia , e todos com penitencias aſſim publicas , como particulares fazem crêr piamente , que Deos Senhor Noſſo levantará o caſtigo , com que nos ameaça.

As obras de miſericordia , e de humildade , que exercitáraõ o Excellentiſſimo , e Reverendiſſimo Biſpo Conde com os pobres infermos do hoſpital,e o Illuſtriſſimo,e Reverendiſſimo Reitor Reformador com os prezos da cadea, foraõ da mayor edificaçaõ,e exemplo para toda eſta Cidade, porque á imitaçaõ deſtes piedoſos Prelados ſe déraõ innumeraveis eſmólas publicas,e particulares , e na verdade acçoens taõ Catholicas agradariaõ muito a Deos.

Naõ poſſo dizer aV.m. todas as circumſtancias, com que eſte povo procura moſtrar-ſe verdadeiramente religioſo , porque naõ quero moleſtallo com a leitura de humas couſas , que V.m. prudentemente pelas já ditas póde ajuizar.

Eſtes,meu amigo, ſaõ os ſuccinctos deſenhos, que lhe poſſo formar de taõ laſtimoſo acontecimento, e que ſó encontro para poder-lhe contar hum trágico ſucceſſo á cuſta de tantos experimentado.

Pede-me V.m. ultimamente lhe diga as cauſas naturaes conducentes para a formaçaõ deſtes portentoſos Phenómenos terreſtres, por querer conformar-ſe com o meu diſcurſo entre tanta variedade de opinioens. Eſta materia he huma das bem conhecidas nas Filoſofias , e aſſim me perſuado que , ſendo V.m. hum dos homens mais inſtruidos em as bellas letras , naõ pertende lhe diga eu mais , que ſómente o ſiſtema que ſigo , para ver ſe ſe confórma com o ſeu judicioſo parecer ; neſta ſuppoſiçaõ paſſo a dizer-lhe o que tenho viſto neſta materia.

As

As causas dos terre-motos assignáraõ por diversos modos os Filosofos de todos os seculos. Os que imagináraõ ser o mundo animado disséraõ que o movimento da terra entaõ se sentia, quando desconcertadas as arterias faziaõ hum movimento desigual naquelle grande corpo, e este opprimido com a alteraçaõ do pulso tremia vigorosamente, e que constipados com os meatos vitaes naõ podiaõ transpirar os poros, e assim se affligia com violento impulso. Este he o sistema de *Copernico.* Outros assignáraõ a causa dizendo, que a terra desfazendo-se dentro de si mesma se arruinava; e cahia para baixo do mesmo modo que se arruinaõ, e cahem os edificios, como nós vemos. Este he o parecer de *Anaximênes*, seguido de *Lucrecio* no livro sexto dos seos poemas. Seguiraõ outros, que a violencia, com que se extrahia a agua da terra, para haver chuva, a fazia tremer, porque a extracçaõ forte, com que era tirada do intimo das cavernas, a obrigava a convellir-se, e a mover-se. Este he o juizo de *Democrito.* Outros assentáraõ, que a terra era firmada sobre a agua, ou andava nadando sobre ella; e que, quando esta se movia por causa de tempestades, tremia a terra com mais, ou menos impulso, confórme era a tormenta. Isto he o que seguio *Thales Milesio.*

Aristoteles com toda a Escola dos Peripateticos assigna por causa dos terre-motos o halito, ou espirito incarcerado nas entranhas da terra pertendendo soltarse, e sahir para fóra, e como naõ acha caminho para sahir, torna para traz, e se revolve em si mesmo; e no tempo em q̃ poem força para romper a prizaõ excita o movimento, e o tumulto: com este parecer me conformo eu inteiramente; e a razaõ he, porque a terra por muitos modos recebe o calor, e lança o halito, o qual na parte em que dentro della se move, para a impellir, e lhe naõ servir de estorvo á sahida, faz hum tal movimẽto, e estrondo, como faz a polvora, que pondo-se debaixo de qualquer edificio,

e

e chegando-se-lhe o fogo rebenta com formidavel, e horroroso estampido, fazendo estremecer a terra, e arruinando o edificio: advertindo que naõ só a exhalaçaõ faz mover a terra, mas tambem o fogo, e o vento, que ella recebe nas suas concavidades, e retem dentro de si mesma, por ser de sua natureza idonea para receber fogo, e fazer accender chammas: a causa porque ao movimento acompanha o estrondo, he a da reverberaçaõ dos espiritos, a qual como he varia tambem naõ he hum só o estrepito, que se percebe.

Em todas as estações do anno se tem observado haver terre-motos, como V.m. póde ver em *Jorge Agricola no livr.* 4 *da Natureza das cousas, que sabem da terra.* Costumaõ os terre-motos durar conforme a mais, ou menos copia dos espiritos agitantes; porque a mayor exhalaçaõ se naõ consome taõ depressa, como a mais pequena, e a mais tenue mais brevemente se extingue, que a mais crassa; e tambem pela mayor, ou menor repugnancia, com que a terra resiste á sahida dos taes espiritos.

Assignaõ-se tambem muitas differenças de terre-motos, confórme a varia positura dos espiritos, e do sitio em que se achaõ, ou segundo a copia, e diminuiçaõ delles. *Aristoteles* assigna duas especies, dizendo que hum movimento da terra se naõ distingue do tremor, e este se faz quando a multidáõ dos espiritos se estende larga, e compridamente pela terra, movendo-a sómente para os lados, e agitando-a com vibrante moto para huma, e outra parte; e que o outro movimento se faz á maneira do pulso, que báte do intimo da terra, elevando-se, e deprimindo-se, do mesmo modo que nos animaes se vem as arterias, ja levantando-se, ja abatendo-se.

Possidonio distribue os terre-motos em duas especies, de concussaõ, e inclinaçaõ, porém a primeira parece estar comprehendida na ultima assignada por *Aristoteles.*

Jorge Agricola numera quatro especies, que saõ

tre-

tremor, que se faz quando a terra vibra, concussaõ, quando se eleva, e deprime, arietaçaõ quando faz os motos contrarios huns aos outros, e inclinaçaõ quando se move como hum navio nas ondas.

Varias outras especies assignaõ diversos Authores, que V.m. póde ver nas filosofias de *Boyle*, e de *Baylet*, e em *Lourenço Beyerlinck*, no seu grande theatro na palavra *Terre-moto*, onde achará largamente tratada esta materia, que eu, por naõ ser mais prolixo deixo, de continuar; e por conhecer que V. m. sómente pertendeo ouvir-me nella, ao mesmo tempo que póde ensinar-me.

Agora, amigo do meu coraçaõ, só resta naõ perder a memoria das obrigaçoens de Catholicos, e conhecer que o castigo, que Deos Senhor Nosso foy servido mostrar-nos, só para nós veyo dirigido, pois os que acabáraõ de viver neste terre-moto piamente devemos crer (por circumstancias que deixo á ponderaçaõ de V.m.) estáõ logrando a Bemaventurança; e nós, talvez por menos dispostos, ficámos para dar huma volta á vida, e limpar as consciencias, e termos sempre lembrança de dar graças a Deos de nos naõ matar; e poderia ser em hora de condemnaçaõ eterna, de que o mesmo Senhor nos livre, e guarde a V.m. muitos annos. Coimbra 20 de Dezembro de 1755.

De V.m. fiel amigo

Jozé de Oliveira Trovaõ e Sousa.

AO

AO GRANDE TERRE-MOTO, QUE HOUVE nesta Corte de Lisboa em o primeiro de Novembro de 1755.

SONETO.

VAlha-me Deos! que horror me está metendo
Este da terra moto taõ nefando!
Todo este glóbo espherico abalando,
Toda esta máquina ingente demovendo:
Neste abalo aos mortaes está dizendo,
Que a morte se vem appropinquando,
E como desta se naõ sabe o quando,
Fica sendo ainda o susto mais tremendo:
Alerta, alerta pois, ó racional,
Naõ te esqueças do que he taõ infallivel;
Segue sómente o bem, despreza o mal:
Pois de duas huma he indefectivel;
Ou para a Patria hir Celestial,
Ou para o lugar a quem Job chama terrivel.

De Frey Manoel da Madre de Deos Batalha.

LISBOA:

Com as licenças necessarias.